

LEANDRO FIDELIS



MARIA ROSA E LUIZ CARLOS SCABELO em frente ao casarão do século XVIII, em Venda Nova. “Me dá tristeza ver tudo se destruindo”, diz o agricultor

IMÓVEIS ABANDONADOS

Herdeiros lutam para salvar casarões centenários

Imóveis onde viveram barões e imigrantes italianos ameaçam virar ruínas em algumas cidades capixabas

Casarões centenários onde viveram barões e imigrantes italianos ameaçam virar ruínas em algumas cidades capixabas. Os herdeiros lutam para mantê-los de pé e continuar contribuindo com a história das regiões.

Em Venda Nova do Imigrante, na região serrana, o casarão dos Scabelo é o patrimônio mais antigo do município. Segundo o proprietário, Luiz Carlos Scabelo, trata-se de uma construção portu-

guesa do século XVIII.

O imóvel fica às margens da rodovia para Castelo e foi construído entre 1740 e 1760 pelo português Antônio Manuel Fernandes. “Ele chegou bem antes dos italianos e era dono de muitas terras. O segundo dono foi o imigrante Nicolau Cola, que vendeu o casarão em 1924 para meu avô, também vindo da Itália”, conta Scabelo.

O agricultor nasceu, cresceu e casou-se no casarão. Há 25 anos, por causa das goteiras, ele e a mulher, Maria Rosa Casagrande, decidiram se mudar para uma casa erguida ao lado.

Em 1999, o antigo imóvel e outras benfeitorias começaram a ser restaurados pelo Estado, mas as obras foram abandonadas no ano seguinte. “Me dá tristeza ver tudo

se destruindo e não ter dinheiro para manter o casarão”.

A poucos quilômetros, em Conceição do Castelo, o casarão que pertenceu ao Barão de Guandu está tomado por cupins. Ele integra a Fazenda Santa Helena, que tinha até senzala no século XIX.

Há 33 anos, quem vive no local é o viúvo da herdeira, Jorge Heleno de Souza. Ele ocupa apenas dois cômodos, uma vez que é muito ariscado transitar pelo interior do casarão. “Até 10 anos atrás, ainda era possível receber estudantes e

“A falta de incentivo de órgãos públicos é outra ameaça ao patrimônio”

Valbert Vago, pesquisador

pesquisadores”, conta.

Jorge destaca que a família ia repassar o patrimônio ao Estado, mas o processo não teve sequência. “Sou doido para sair daqui. Ouvi muitas promessas, mas nada foi cumprido”, declarou.

Em São Roque do Canaã, na região centro-serrana, também faltam recursos para os proprietários manterem os casarões. “A falta de incentivo de órgãos públicos é outra ameaça ao patrimônio”, diz o pesquisador Valbert Vago, que catalogou 130 residências de valor histórico.

É dele e de um grupo de herdeiros de famílias italianas o esforço para preservar os imóveis. “Os casarões vinham sendo demolidos para vender as peças de madeira, janelas e portas. Agora já existe uma cultura de preservação”, frisou.

Estado diz que não pode intervir em bem particular

O Estado não pode intervir ou fazer obras em bens particulares, que é o caso de todas as fazendas citadas na reportagem. A afirmação é da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e das prefeituras ouvidas.

No caso da Fazenda Scabelo, em Venda Nova do Imigrante, a prefeitura explicou que é responsabilidade do proprietário preservar as características do imóvel. O município não conta com bens tombados.

“Caso o dono tenha interesse na intervenção do poder público, é necessário toda uma imposição legal para o seu tombamento e sua preservação como um bem público”, declarou o prefeito Dalton Perim.

Além do casarão, o município tem outras duas fazendas de interesse histórico, das famílias Falchetto e Caliman. Os imóveis constam no livro “Cultura e Arquitetura — a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo”, de Maria Izabel Perini Muniz.

Em Conceição do Castelo, existem mais três casarões centenários, além da Fazenda Santa Helena: de Santo Antônio do Areão, Santa Teresa e do Nelcy de Vargas. O único com pedido de tombamento foi o último imóvel, por iniciativa da historiadora Juliana Simonatto, autora de um livro sobre o local.

O prefeito Saulo Belisário afirmou que há interesse na restauração do imóvel devido ao seu valor histórico, mas o município não dispõe de recursos financeiros para o investimento.

Segundo a Secult, caso haja interesse em tombamento de imóveis centenários, qualquer particular pode entrar com pedido justificado junto ao Conselho Estadual de Cultura. Para isso, basta dar entrada em um processo na secretaria.

Família gasta R\$ 12 mil por ano com prédio em São Roque

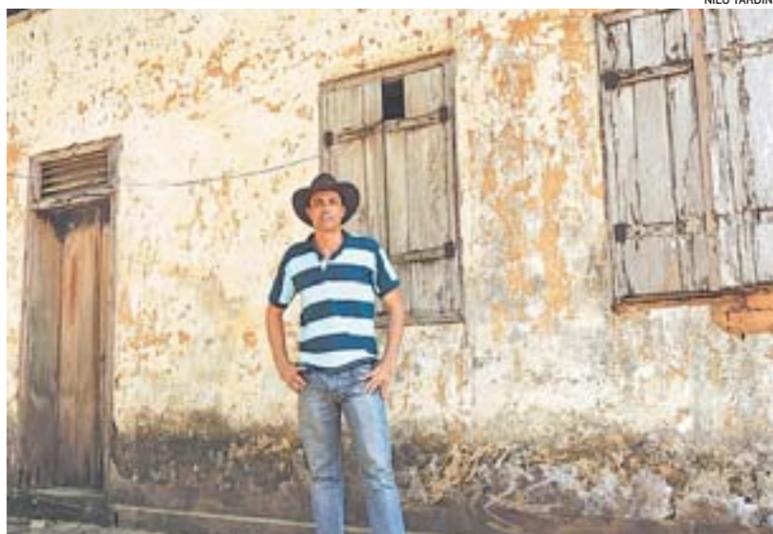
Bem cuidado, o Casarão dos Melotti é o melhor exemplo do zelo pela história da família que chegou em 1909 ao distrito de Santa Júlia, em São Roque do Canaã, para colonizar a região.

O casarão, que fica próximo à sede da antiga Agrovila, se destaca na paisagem pela imponência e beleza. “É caro, mas vale a pena”, destaca Natalino José Ribon Brumatti, 65 anos, marido de Fátima Melotti, herdeira do casarão construído pelos avós Zelinda e Giacomo Melotti.

De acordo com Natalino, são gastos, no mínimo, R\$ 12 mil por ano para manter o casarão com as características originais. No sobrado centenário, além da mobília de época e fotos de todas as gerações, existe um cômodo oculto.

O local era usado para guardar armas usadas na defesa do comércio de secos e molhados que ficava na frente da casa.

NILO TARDIN



O PESQUISADOR Valbert Vago luta pela preservação dos imóveis antigos

NILO TARDIN



CASARÃO DA FAMÍLIA MELOTTI, em São Roque do Canaã: zelo e beleza

Regional**IMÓVEIS ABANDONADOS**

Prédio histórico vira ruínas no Sul

Em vez de lucrarem com a venda de dois imóveis em Marataízes, no Sul do Estado, avaliados hoje em quase R\$ 2 milhões, dois herdeiros decidiram doá-los à prefeitura para fins de preservação. Mas, quase 15 anos depois lamentam ao ver o abandono do local.

Um dos imóveis é o Trapiche, construído pelo Barão de Itapemirim nos anos de 1860, junto com o Porto da Barra, para armazenar mercadorias a serem escoadas para o Rio de Janeiro e que hoje está em ruínas. O último desabamento ocorreu em maio deste ano, quando caiu a parede da frente.

O fato revoltou uma das herdeiras, a psicóloga Ivilise Soares. Para ela, além de ter demorado demais, a contenção não respeitou orientações técnicas. Do importante prédio histórico resta uma parede lateral e algumas colunas. O mato cresce na área interna, que serve como depósito de entulho e até estacionamento de caminhão da prefeitura.

Em frente ao Trapiche, existe o Palácio das Águias. O prédio, que chegou a sediar encontros da alta sociedade no passado, foi recuperado pelo governo do Estado depois de quase ficar em ruínas.

No imóvel há uma biblioteca,

que praticamente não funciona. Os livros não são catalogados. Os computadores foram retirados e não retornaram.

Juntas, as duas edificações, com o terreno em volta, têm 3.500 metros quadrados e valem entre R\$ 1,8 milhão e R\$ 2 milhões, segundo avaliadores. O Palácio das Águias era do pai de Ivilise, coronel José Marques Soares. Já o Trapiche foi do tio dela, Joca Soares, e ficou sob os cuidados do primo, o dentista Guilherme Rodi Soares.

A Prefeitura de Marataízes informou que vai restaurar o Trapiche e que agendou visita da engenheira especialista em restauração, Sílvia Puccione, do Rio, para nor-tear as ações e recuperar o imóvel.

A Secretaria de Estado da Cultura (Secult) afirmou que acompanha e orienta o município sobre o processo de recuperação do imóvel.



ALESSANDRO DE PAULA

PALÁCIO das Águias foi restaurado

ALESSANDRO DE PAULA

IVILISE se revoltou com o estado de abandono do Trapiche, imóvel doado pela família dela à Prefeitura de Marataízes

Ajuda para casa que foi de barão

O casarão que pertenceu ao Barão de Aimorés, Antônio Rodrigues da Cunha, na fazenda Santa Rita, em Nova Venécia, é cuidado hoje pela bisneta do barão, dona Ecila Emiliana Capucho, de 68 anos.

O casarão, segundo dona Ecila, passa por reformas constantemente, mas falta apoio da população e incentivos culturais, para continuar mantendo viva a memória de

um dos fundadores do município.

“Mantemos tudo com muita dificuldade e luta. Deveria ter apoio cultural dos governos. Recentemente, minha família fez uma reforma com a ajuda de alguns moradores, que doaram a madeira para repor uma viga”, contou Ecila.

“Recebemos turistas de todo o País e também estrangeiros, que se encantam com o local”, disse.



MAURO CUNHA

CASARÃO onde viveu o barão